

ENTRE O PASSADO MORTO E O FUTURO INCERTO

Vera Lúcia Follain de Figueiredo

UERJ — Letras

TORRES, Antônio. Balada da infância perdida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

A literatura brasileira de temática rural tem, freqüentemente, nos oferecido imagens da classe dominante projetadas por seus herdeiros que, através do traçado da memória, tentam recompor o perfil da família, na tentativa de melhor compreender o que, no passado, pode ter sido razão para conflitos, culpas, silêncios. Rever as raízes, tocar em feridas antigas, constitui todo um esforço voltado para o auto-conhecimento, para o encontro com a própria identidade. O autoritarismo do patriarca, o deslocamento do interior para a cidade grande, a dificuldade de se adaptar aos novos ambientes são questões que afloram nestes textos, algumas vezes acompanhadas pelo sentimento de decadência decorrente da perda gradativa do poder e dos bens da família.

O crescimento da vida urbana brasileira, no início do século, deixa o escritor, oriundo da aristocracia rural, na condição de herdeiro dos valores de um mundo ultrapassado, com o qual não se identifica totalmente mas que, ao mesmo tempo, sente como parte integrante de si mesmo, como algo que o constitui irremediavelmente. As obras de Jorge Andrade, José Lins do Rego, Cornélio Penna são, nesse sentido, exemplares. Deslocado para a cidade com o objetivo de estudar, o filho que será o intelectual da família acaba por experimentar uma sensação de desenraizamento: não se sente como alguém da cidade e ao regressar à casa paterna já não é mais o mesmo — ali, também, se vê, até certo ponto, como estranho. Entre o autoritarismo protetor do patriarca e o anonimato da cidade grande fica difícil reconhecer-se como indivíduo, conforme nos mostra Drummond, no poema “Fim da casa paterna”: “Ou ver se — talvez isso — apenas eu/ unicamente eu, a revelar-me/ na sozinha aventura em terra estranha?/ Agora me retalha/ o canivete desta descoberta: eu não quero ser eu, prefiro continuar/ objeto da família”. A opção entre afirmar-se na sozinha aventura em terra estranha ou ser objeto da família, mais do que uma escolha

de ordem espacial, ou seja, viver na fazenda ou na cidade, é uma escolha de ordem existencial ligada à vivência do tempo pelo indivíduo que deve decidir entre apegar-se ao passado que o constitui, ou voltar-se para o futuro e ter de empreender a própria reconstrução, passando a limpo o passado.

Se, no caso do filho da classe dominante, o afastamento do ambiente e do modelo familiar se passa de forma tão dolorosa, que dizer da mesma experiência quando vivida por um personagem de origem pobre? É essa questão que nos coloca a obra de Antônio Torres, estabelecendo um interessante diálogo com a nossa tradição regionalista. O personagem narrador de seus romances não tem um “pai-imperador que lhe abra caminho” (para usar a expressão de Drummond) e à culpa que o distanciamento do mundo dos pais pode gerar, se acrescenta uma outra: a de ter conseguido uma solução individual que em nada pode melhorar o destino dos outros membros da família — dos pais ou dos irmãos que se perderam na vida em busca de aventura, como diria a letra da música de Renato Teixeira. O abismo que aí se cria entre o indivíduo e suas raízes é infinitamente maior do que ocorre com os personagens da classe dominante, porque além da assimilação dos valores impostos pela cidade grande, pelos novos tempos, ainda existe a ascensão do filho a uma outra camada social, diferente da dos pais. Deixar de ser o herdeiro da pobreza, transformar-se num membro da classe média urbana significa não ter com os membros do clã nem mais as afinidades existentes entre pessoas da mesma posição de classe. Esse abismo profundo confere outra dimensão ao desenraizamento, porque estabelece uma ruptura insuperável entre passado e presente e a descontinuidade passa a reger a dinâmica do mundo interior do personagem.

Em *Balada da infância perdida*, último livro do autor, a descontinuidade de que falamos se expressa na própria estrutura fragmentada da obra que justapõe, sem obediência a uma ordem cronológica, momentos do passado remoto, próximo e do presente. Se como nos diz Guimarães Rosa, “todo abismo é navegável a barquinhos de papel”, é através do sonho que o personagem vai conseguir unir as pontas do fio partido que deveria ligar as fases de sua vida. Toda a história do romance dura o tempo de um delírio provocado pela bebida e pela conturbada sonolência de quem está preocupado com o dormir e com o acordar na hora certa para o trabalho. Nesse estado de embriaguez o personagem vê projetadas, diante de si, imagens do passado, entrecortadas pelos ruídos da realidade presente. Da infância aos primeiros anos vividos na cidade grande, passando pelo golpe de 64 até os nossos dias, o texto nos fala da ditadura brasileira do ângulo dos que tiveram de suportá-la no cotidiano, dos que se sentiram exilados na própria terra, colocando, assim, uma outra dimensão do sofrimento causado pelo regime totalitário, que não está nos relatos dos presos políticos, daqueles que se heroizam: a dimensão do homem comum que se re-

voltou, mas teve de continuar a viver o dia a dia sem esperança. Na terra dos girassóis — que se movem apenas acompanhando o movimento do sol — restaria para os seres dilacerados o efeito mágico da bebida porque “só os bêbados vêem o mundo girar”.

A volta ao passado se impõe ao narrador pelo delírio e não é, como acontece, por exemplo, na obra de José Lins do Rego e em outras, o resultado de uma busca voluntária e consciente. A embriaguez faz aflorar tudo o que incomoda, todas as culpas e promove o encontro impossível entre passado e presente, colocando diante do narrador a mãe e a tia mortas, o pai distanciado ou, quem sabe, também morto, e o primo que sucumbira à bebida. Calunga, o primo, era o único elo entre o tempo rural e o da cidade e, portanto, sua perda acentua a ruptura. Ambos, o narrador e Calunga, conseguem pelo “próprio esforço e mérito” conquistar a cidade grande. O domínio da palavra é a chave que lhes abre as portas — passam da retórica vazia dos hinos escolares para a retórica não menos vazia dos meios de comunicação de massa. O caminho percorrido, entretanto, deixou marcas profundas: se não chegaram ao embrutecimento de um Paulo Honório, em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, que também venceu pelo próprio esforço, foram vítimas do cansaço de quem precisa vencer inúmeros obstáculos para chegar ao ponto do qual a classe dominante parte.

Calunga, qual Macunaíma, retorna à terra natal como herói vencido e, na verdade, como não havia volta possível, o retorno é a morte. Percebemos, então, que a problemática dos personagens de Antônio Torres nos remete para o campo mais amplo da própria vida cultural brasileira, marcada pelo processo civilizatório que determinou sempre a tensão entre os condicionamentos internos e as influências que nos vêm de fora. A migração interna, o êxodo rural, transformam cada homem do campo em um Isaías, do romance *Maíra*, de Darci Ribeiro — o índio que levado em menino para Roma, onde estudaria para ser padre, descobre que nunca seria igual aos outros padres e, regressando à tribo, percebe que também jamais seria de novo um indígena. Macunaíma, Isaías, Calunga e o narrador de *Balada da infância perdida* fazem arte de nossa galeria de heróis vencidos, perdidos em meio a tantas diferenças e dificuldades para assumir a face branca que tanto nos tem seduzido. Todos poderiam dizer junto com o índio de *Maíra*: “Ser igual, apesar de todas as diferenças possíveis, graças a uma identidade essencial, é a isto que eu aspiro”.